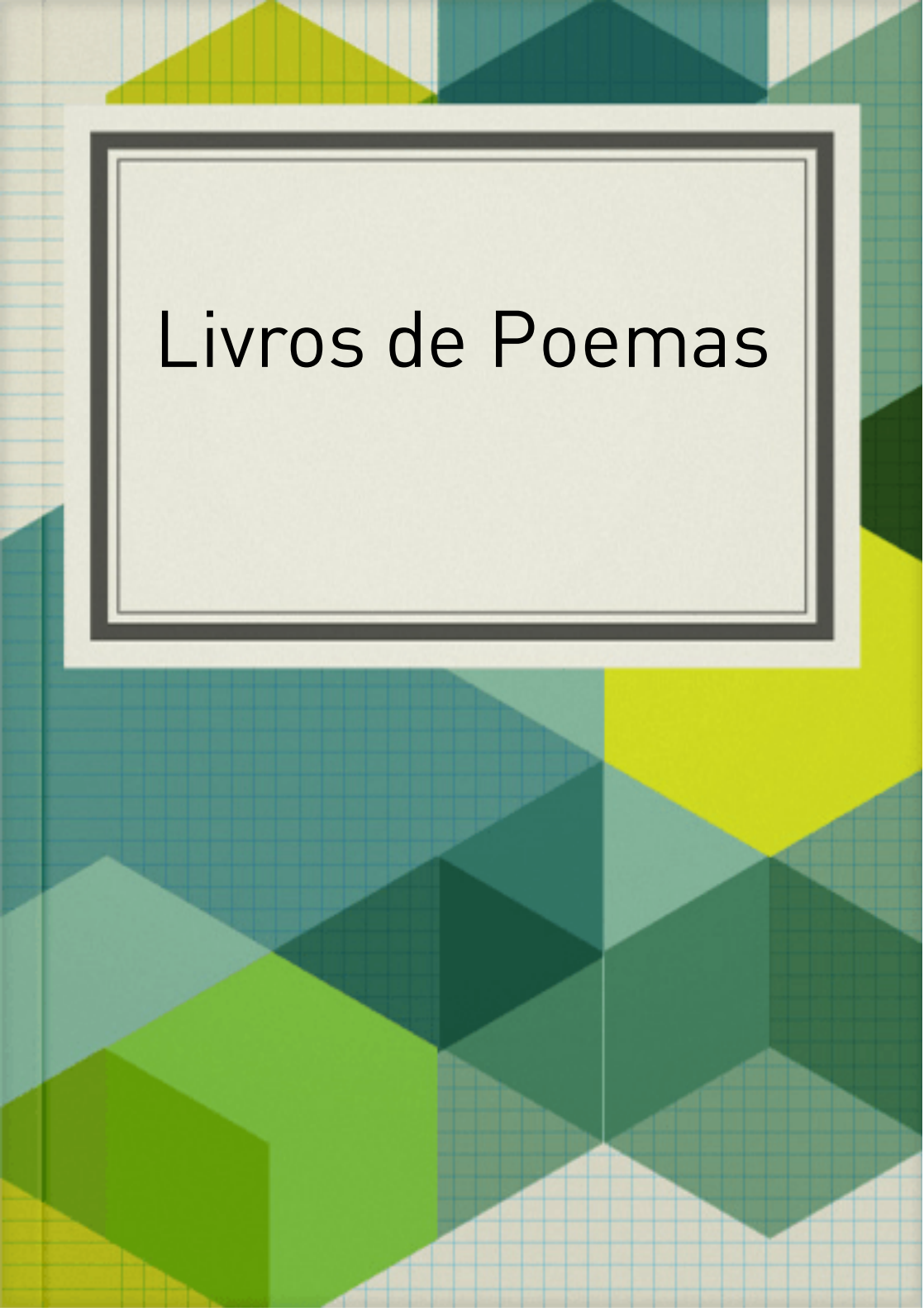




Livros de Poemas

Quinhentismo

Pe. José de Anchieta

A Santa Inês

Cordeirinha linda,
Como folga o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O Diabo espanta.

Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura
Fugirá depressa,
Pois vossa cabeça
Vem com luz tão pura.

Barroco

Gregório de Matos Guerra

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor,mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinqüido,
Vós tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor
Divino, Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Arcadismo

Bocage

Nada se Pode Comparar Contigo

O ledão passarinho, que gorjeia
Dalma exprimindo a cândida ternura;
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia;

O Sol, que o céu diáfano passeia,
A Lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da Aurora, alegre e pura,
A rosa, que entre os Zéfiros ondeia;

A serena, amorosa Primavera,
O doce autor das glórias que consigo,
A Deusa das paixões e de Citera;

Quanto digo, meu bem,
quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera.
Nada se pode comparar contigo.

ROMANTISMO

Gonçalves Dias

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá.

REALISMO

VINICIUS DE MORAES

Soneto do Amor

Total Amo-te tanto, meu amor... não cante

O humano coração com mais verdade...

Amo-te como amigo e como amante

Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante

E te amo além, presente na saudade.

Amo-te, enfim, com grande liberdade

Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente

De um amor sem mistério e sem virtude

Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde

É que um dia em teu corpo de repente

Hei de morrer de amar mais do que pude.

NATURALISMO

Álvares de Azevedo

Amor

Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus lábio beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança Quero sonhar e dormir!

Parnasianismo

Maio (François Coppée - tradução de Raimundo Correia)

Há um mês foste-te embora;

E eu sofro de ti distante,

Embalde viceja agora

O lilás fresco e odorante.

A sós, fujo ao claro brilho

Deste céu que me exaspera,

Pois aumenta o horror do exílio

O esplendor da primavera.

Contra os vidros transparentes

Da alcova de onde não saio,

Batendo as asas trementes

Ouçó os insectos de Maio.

SIMBOLISMO

Cruz e Sousa

Livre

Livre! Ser livre da matéria escrava,
arrancar os grilhões que nos flagelam
e livre penetrar nos Dons que selam
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava
dos corações daninhos que regelam,
quando os nossos sentidos se
rebelam contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,
mais junto à Natureza e mais seguro
do seu Amor, de todas as justiças.

Livre! para sentir a Natureza,
para gozar, na universal Grandeza,
Fecundas e arcangélicas preguiças.

Pré Modernismo

Augusto dos Anjos

Psicologia de um Vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Modernismo

Manuel Bandeira

Poética (1922)

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com
livro de ponto espediente protocolo
e manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e
vai averiguar no dicionário o cunho
vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas.
Todas as palavras sobretudo os
barbarismos universais
Todas as construções sobretudo
as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os
inumeráveis

Pós modernismo

Adélia Prado

Momento

Enquanto eu fiquei alegre,
permaneceram um bule azul com um
descascado no bico,
uma garrafa de pimenta pelo meio,
um latido e um céu limpidíssimo
com recém-feitas estrelas.

Resistiram nos seu lugares,
em seus ofícios, constituindo o mundo pra mim,
anteparo para o que foi um acometimento:
súbito é bom ter um corpo pra rir e
sacudir a cabeça. A vida é mais tempo
alegre do que triste. Melhor é ser.